

ECONOMIA

NÃO HÁ MOTIVO PARA ALARME

REACTOR DE SACAVÉM PARADO

NOS últimos dias, circularam rumores sobre a existência de uma anomalia no reactor de investigação nuclear, instalado em Sacavém, no Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (ex-Junta de Energia Nuclear).

Dada a gravidade de que se poderia, eventualmente, revestir tal anomalia, o «D. P.» averiguou o que se passava, podendo adiantar, desde já, não haver motivo para alarme.

O repórter do nosso jornal falou com o responsável pelo funcionamento do reactor, eng. João Meneses, que nos proporcionou uma demorada visita ao único modelo (experimental) de aproveitamento de energia nuclear existente no nosso país. De pronto nos disse que nada de grave se estava a passar e que — acentuamos — «não há motivo para alarme».

Soubéramos que o nível da água da piscina, no fundo da qual está submerso o núcleo, baixava um centímetro por mês, passando, mais recentemente, a decrescer meio centímetro por dia, denunciando, assim, a existência de um derrame. (A água da piscina, com 500 metros cúbicos de capacidade, desempenha, entre outras, as funções de refrigerante do núcleo e de protecção radiológica em relação à parte superior da piscina).

— Anomalias deste tipo já houve várias vezes — disse-nos o eng. João Meneses. O ano passado tivemos de parar o reactor, para substituir 500 ladrilhos que revestem o interior da piscina, devido também a uma fuga de água. Agora, constatámos que havia nova infiltração e parou-se imediatamente o reactor para começarem as reparações que estão em curso.

— E não há o perigo de as pessoas serem afectadas pela fuga da água radioactivada?

— Não. Por um lado, dada a fraca potência térmica do reactor, que é de um megavatio (1 MW); por outro, a água é constantemente analisada e desmineralizada (purificada) e todo o pessoal é sujeito a constante vigilância médica. Além do dosímetro pessoal (detector de radiações), temos na instalação detectores de irradiações que asseguram as boas condições de segurança do trabalho.

— Que outros problemas poderão surgir neste modelo de reactor?

— Existem relatórios de segurança, onde se prevêm os acidentes. Desde que o reactor foi montado, não tivemos qualquer acidente. Há sempre possibilidade de isolar o reactor. As normas de segurança que foram utilizadas quando o reactor aqui foi instalado, em 1961, são mais severas do que as que são seguidas nas centrais nucleares. Isto, porque, há vinte anos atrás, os receios eram maiores.

O reactor português funciona das oito às 24 horas. Diariamente, antes de o operador iniciar o arranque, são cumpridas nada mais nada menos de 80 indicações (operações e testes de simulação), desde a ligação do disjuntor trifásico até ao aviso, através do sistema sonoro, que se vai proceder ao arranque, indicando a potência a que o reactor vai funcionar.

Igualmente, todos os dias a inspecção ao edifício desde o terceiro piso ao exterior, passando pela casa das bombas, obedece a 55 pontos de controlo, desde a ponte do reactor na posição desejada e travada, até às observações dos sistemas de arrefecimento e da inexistência de ruídos anormais. O Decreto-Lei n.º 361/79 criou o Departamento de Protecção e Segurança Radiológica do L. N. E. T. I. que integra as instalações e potencialidades do Serviço de Protecção contra Radiações da antiga

Junta de Energia Nuclear. Anualmente, o Departamento faz o controlo das doses de radiação externa recebidas por cerca de cinco mil trabalhadores profissionalmente expostos. No âmbito do controlo médico especializado efectuam-se, por ano, cerca de 300 inspecções, tanto nos trabalhadores de Sacavém como de outros organismos oficiais e empresas privadas a que correspondem cerca de quatro mil análises clínicas.

O «D. P.» tem alertado as entidades oficiais e os organismos que utilizam aparelhos altamente sofisticados que são, é certo, fruto de um grande avanço tecnológico ao serviço do Homem, mas que, nem por isso, deixam de constituir um perigo iminente caso sejam indevidos ou negligentemente utilizados. Recorde-se o alerta que então fizemos sobre o que se passou no Instituto de Oncologia (reportagem de Rui Cardoso e João Garcia) e no complexo de Sines, estando em causa, em ambos os casos, o perigo de fontes radioactivas deficientemente utilizadas. Nestas coisas, todos os cuidados são poucos!

Em artigo a publicar amanhã veremos qual a utilidade do reactor de Sacavém.

COIMBRA DE ALMEIDA

CIENTISTAS NUCLEARES DE 21 PAÍSES REUNIDOS EM SESIMBRA

Cento e vinte cientistas de 21 países, estão reunidos, desde hoje, num hotel de Sesimbra, no que será o primeiro Congresso Internacional de Física realizado em Portugal.

Os especialistas, vindos da maioria dos países da Europa, dos Estados Unidos, Brasil e Japão, debaterão questões da física atómica.

Com o tema «O problema de poucos corpos em física nuclear e física das partículas elementares», o encontro prolonga-se até sexta-feira e contará com a apresentação de cinco comunicações de cientistas portugueses, num total de 57.

As questões em debate têm importância para o conhecimento dos mecanismos fundamentais da Natureza e das suas possíveis aplicações no campo da produção de energia.

O encontro é apoiado pela Fundação Gulbenkian e por três instituições de investigação — Instituto Nacional de Investigação Científica, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e Sociedade Portuguesa de Física.

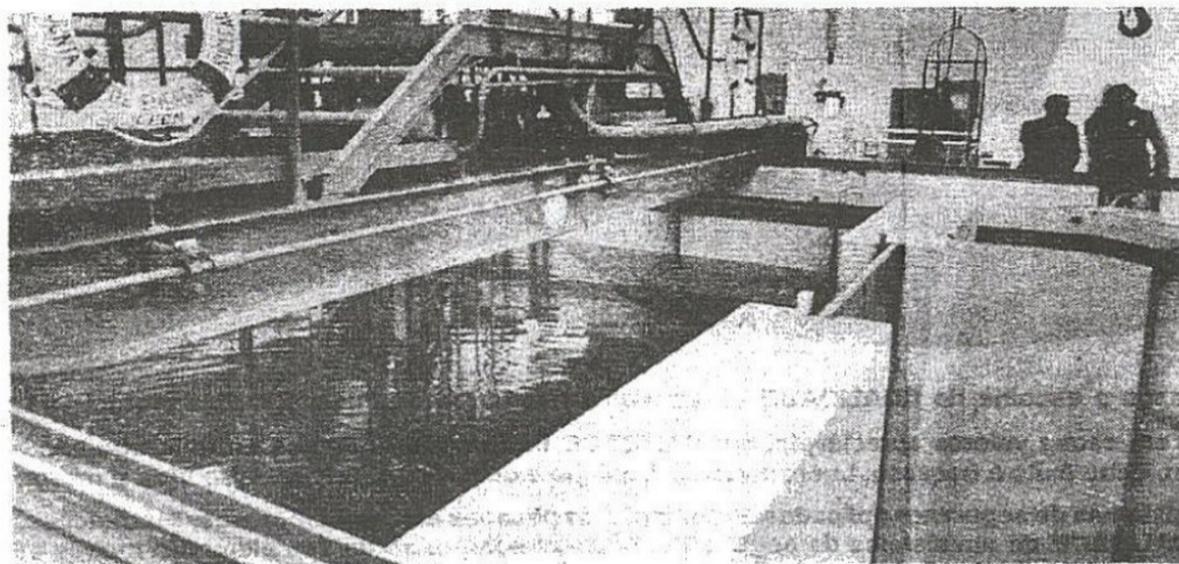


Foto de CORREA DOS SANTOS

Interior do edifício onde fica a piscina na qual se encontra instalado o núcleo de urânio, que serve de combustível ao reactor português de investigação. Podem ver-se os ladrilhos, ao lado direito, que revestem as suas duas secções